O DESENHO INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

ELIANA NUCIATELLI PINTO DE MELLO

RESUMO

Neste artigo temos como objetivo, analisar a contribuição do desenho infantil para a aquisição da língua escrita da criança no processo de alfabetização. Tais análises pretendem identificar a relação entre a escrita e o desenho. Sabemos que ao serem inseridas no ambiente escolar as crianças possuem suas próprias experiências com a linguagem escrita, por meio de sua participação e interação no ambiente familiar e em seu convívio social, através das formas que os materiais escritos se apresentam no seu cotidiano, por exemplo, lista de supermercados, rótulos de produtos utilizados, ao ver um adulto assinar o próprio nome, entre outros. Permitindo assim, que a criança tenha um contato inicial com o universo da leitura e escrita, percebendo que se trata de uma forma de comunicação. Para fundamentar nossos estudos alguns teóricos foram essenciais como: Georges Henri Luquet, Viktor Lowenfeld, Florence de Mèridieu e Edith Derdyk que em seus estudos concluíram que o desenho é fundamental no processo de desenvolvimento da criança. Contamos também com as autoras: Emília Ferreiro; Ana Teberosky que dialogam sobre o processo de aquisição da escrita e Analice Dutra Pillar que com suas pesquisas, aponta resultados significantes na relação entre a língua escrita e o desenho infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Infantil. Alfabetização. Língua Escrita.

INTRODUÇÃO

O desenho é uma das formas de expressão mais antigas da humanidade. Utilizado como forma de comunicação desde a pré-história, quando os primeiros homens através de pequenas figuras desenhadas nas cavernas manifestavam suas ideias e pensamentos, funcionando como escrita. Com o passar do tempo e o desenvolvimento humano, foi ganhando novas formas, novos traços e aperfeiçoando- se até a realidade atual. Hoje faz parte das atividades escolares, principalmente na fase da Educação Infantil.

Sendo o desenho uma importante forma de expressão, é através dele que muitas vezes a criança conta sua história, traduzindo o que sente, pensa e deseja. Uma atividade natural, que deve ser respeitada e considerada importante em suas diferentes etapas. Assim como em outros fatores da aprendizagem, a criança aperfeiçoa seus desenhos gradativamente e essa prática contribui com sua evolução em diferentes aspectos.

No período de alfabetização, a criança traz consigo suas primeiras experiências gráficas na forma do desenho. Nessa perspectiva o desenho é uma linguagem significativa, pois por intermédio dele a criança manifesta sua concepção de mundo, construído pela relação sujeito objeto. Fazendo-se necessário ao professor respeitar, valorizar, organizar propostas novas para intervir e mediar por meio de sondagens, o desenvolvimento e potencialidades que o grafismo pode contribuir no processo de formação da criança.

Desta forma neste trabalho pressupõe-se a importância do desenho como instrumento pedagógico no processo de construção das diversas linguagens, assim como instrumento necessário no processo de alfabetização. Considerando ainda a contribuição do desenho para a inclusão e participação da criança no mundo letrado. Para desenvolver este estudo a metodologia utilizada constitui-se da pesquisa bibliográfica fundamentada em teóricos que desenvolveram seus estudos sobre o desenho infantil, dentre eles, podemos destacar: Georges Henri Luquet, Viktor Lowenfeld, Florence de Mèridieu, Edith Derdyk. Para compreendermos a relação entre o desenho infantil e a escrita da criança na alfabetização, utilizamos como referenciais teóricos: Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Analice Dutra Pillar dentre outros. Ressalto também a consulta de documentos oficiais do ministério da educação tais como: Parâmetros curriculares Nacionais, Referencial Curricular para Educação Infantil.

O DESENHO E A HISTÓRIA

O desenho é uma linguagem antiga que "sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra" (DERDYK, 1993 p. 10). Segundo a autora o desenho faz parte da vida humana desde a criação do homem, passando por diferentes caminhos ao longo da evolução, dessa forma se apresenta de forma transitória, versátil e natural que possibilita a utilização do mesmo em vários momentos. Desde a pré-história, nas cavernas, ficaram gravados por meio do desenho os hábitos e experiências dos primitivos que usavam as pinturas rupestres como forma de se expressar e comunicar. Ao longo dos séculos o desenho passou a ser utilizado cada vez mais e de formas diferentes, sendo o primeiro registro produzido pelo ser humano para se expressar graficamente.

O desenho assumiu um papel diferente em cada sociedade. No Egito, ganhou status sagrado, onde era usado para decorar tumbas e templos construídos pelos povos da região. Mesopotâmicos, chineses e povos do continente americano desenvolveram cada qual um sistema diferente de desenhar com significados próprios e que caracterizavam cada população. Ao longo do tempo o desenho foi representado em diferentes materiais, como: barro, pedras, argilas, madeiras e finalmente no papel conhecido atualmente (ZATZ, 2002, p. 20).

Aqui no Brasil, no século XIX, devido a Revolução Industrial o desenho passou a apresentar-se com um sentido utilitário para o trabalho. Na prática, o ensino do desenho nas escolas primárias e secundárias apresentava-se com uma concepção neoclássica valorizando o contorno, o traçado, e a repetição de modelos. A cópia e o desenho geométrico visavam a preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que se desenvolviam tanto em fabricas quanto em serviços artesanais. Ainda nas primeiras décadas do século XX, continua evidente nas classes sociais mais baixas a relação entre o ensino do desenho e o trabalho. Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo a "pedagogia tradicional", utilizavam exercícios, com reproduções de modelos produções de modelos prontos, objetivando principalmente a repetição e o aprimoramento da destreza motora.

Com a influência do ideário da Escola Nova na educação do Brasil, o ensino das artes e o desenho sofreram grandes mudanças, sendo valorizando a livre expressão, a espontaneidade e a experimentação. Os professores que aderiram a Pedagogia Nova passaram a trabalhar diferentes métodos e atividades motivadoras, centradas nos interesses individuais dos alunos. Nesta época autores como John Dewey e Victor Lowenfeld, dos Estados Unidos, influenciaram estas mudanças no trabalho dos professores brasileiros. Além disso, alguns intelectuais passaram a interessarem-se pela produção gráfica das crianças.

O interesse pelo desenho infantil no campo pedagógico ocorre no fim do século passado. "(...) descobre-se a originalidade da infância, depois da influência das ideias de Rosseau em pedagogia leva a distinguir diferentes etapas no desenvolvimento gráfico da criança" (MÈRIDIEU, 2006, p. 2). Para o autor a criança começa a ser vista individualmente em sua totalidade, e a partir de então começam os estudos e descobertas do universo infantil acerca do seu desenvolvimento gráfico.

Ao analisarmos historicamente veremos que o homem sempre desenhou, "sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados à posteridade" (DERDYK, 1993, p. 10). De acordo com a autora o desenho contribui para o desenvolvimento da linguagem e propiciou o nascimento da escrita.

O SIGNIFICADO DO DESENHO PARA A CRIANÇA

A criança está sempre em movimento por conta das transformações físicas, perceptivas, psíquicas, emocionais e cognitivas. Estas mudanças promovem na criança curiosidade, a experimentação numa busca continua pelo novo. A infância é uma época de descobertas, aventuras e magia, é nesta fase que a criança começa a criar conceitos e relações novas a respeito do que se aprende.

Ao desenhar a criança está integralmente presente no ato, não sendo possível dissociar as partes do corpo que atuam na construção do desenho, com a mão, a visão, a memória, o movimento corporal, todos atuam simultaneamente na elaboração de sua produção pessoal. Ao emitir seus primeiros traços, a criança sente prazer no seu gesto, ao deixar impressa sua marca seja no papel ou em outras superfícies o importante é deixar seu registro sua expressão, neste momento à criança também exerce um domínio sobre seus movimentos.
A criança tem no desenho a forma mais adequada de comunicar-se com o mundo e com os outros, por isso é preciso que seja levada a sério sua forma de expressão, sendo importante valorizar o desenho desde o início de sua vida e durante o período escolar. O universo infantil tem de ser estimulado, desafiado, confrontado de forma que venha a favorecer o desenvolvimento da criança através de descobertas, contribuindo assim para a ampliação de seu repertório artístico e libertando sua imaginação.

Segundo Florence de Mèridieu, a criança realiza sua expressão gráfica pela primeira vez através do desenho, seu corpo todo se projeta ao realizar o grafismo para permitir que o espaço corporal exigido em suas ações atinja sua plenitude. Ainda de acordo com o autor, a linguagem escrita exerce uma fascinação sobre o olhar da criança, é parte atraente do universo adulto, e a criança tenta reproduzir em seus desenhos essa "escrita fictícia, traçada em forma de dentes de serra" (MÈRIDIEU, 2006, p. 11)

ANALISE COGNITIVA DO DESENHO INFANTIL
Para diversos autores, o desenho da criança possui alguns estágios de desenvolvimento, dividido com critérios na idade, na capacidade motora, fatores biológicos, sociais, econômicos e culturais. Inicialmente observa-se que a criança começa a desenhar pelo simples prazer, posteriormente desenvolvendo a vontade e representar o que vê.
Levando em consideração essas especificidades do desenho infantil, e por esse ser uma forma de revelar o desenvolvimento cognitivo, emocional e expressivo da criança, ele tem sido um objeto de estudo abordado por diferentes profissionais, como: psicólogos, sociólogos, psiquiatras, pedagogos entre outros. Diversos teóricos se dedicaram no estudo do desenvolvimento gráfico infantil (MÈRIDIEU 2006).
Apresento as concepções teóricas de alguns autores que desenvolveram suas pesquisas e estudos sobre os estágios de desenvolvimento deste processo gráfico.
Georges Henri Luquet (1969) foi o percursor do estudo sobre o grafismo infantil, dedicou suas pesquisas a entender como a criança desenha, elaborando assim quatro estágios de desenvolvimento sendo: realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e realismo visual.
No primeiro estágio realismo fortuito, a criança tem por volta de dois a três anos de idade, realiza traços sem objetivos, é movida pelo simples prazer provocado pelos movimentos de suas mãos. Pode até tentar representar algo, mas sem qualquer pretensão de perfeição. Está fase tem como indicador os rabiscos.
Segundo estágio realismo falhado, entre três á quatro anos de idade, a criança começa a fazer o desenho propriamente dito com a intenção de reprodução fiel, mas por ainda não possuir desenvoltura nos movimentos encontra dificuldades para representar o objeto desejado.
No terceiro estágio realismo intelectual, de quarto á oito anos de idade, a criança desenha o objeto e não o que vê. Subdividindo em dois processos "o plano deitado (os objetos não são representados em perspectiva, mas deitados em torno de um ponto ou eixo central, por exemplo, as árvores de cada lado da estrada) e a transparência ou representação simultânea do objeto e seu" (MÈRIDIEU, 2006, p. 22). Como esclarece o autor, a criança revela em suas produções gráficas os detalhes e pormenores, começa a representar fielmente o objeto como o vê, superando assim as dificuldades do estágio anterior.
Por fim o último estágio realismo visual, que ocorre entre nove á doze anos de idade, nesta etapa o desenho da criança assume sua fase adulta "marcado pela descoberta da perspectiva e a submissão às leis, daí um

empobrecimento, um enxugamento progressivo do grafismo, que perde seu humor e tende a juntar-se as produções adultas" (MÈRIDIEU, 2006, p. 5). Refletindo a fala do autor, a criança começa a desenhar o que vê e perde sua espontaneidade, que tinha na fase anterior. Do mesmo modo os autores Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), também contribuíram com seus estudos e pesquisas no desenvolvimento do grafismo infantil, e estabelecem diferentes concepções teóricas para a evolução dos estágios.
Sendo eles: o estágio da garatuja, o estágio pré-esquemático, o estágio esquemático e o estágio do realismo.
O primeiro estágio proposto pelos autores é das garatujas, por volta de dois a quatro anos, a criança realiza seus primeiros rabiscos, livres das influências externas. Suas garatujas são realizadas pela simples expressão, apenas para registrar movimentos. Neste estágio a garatujas recebem quatro características diferentes: Garatuja Desordenada; marcada por um movimento contínuo no papel, não respeitando o limite da folha; Garatuja Controlada; movimento contínuo no papel, respeitando o limite da folha; Garatuja Nomeada; quando a criança tira o lápis do papel e começa a fazer traços diferentes (bolinhas, pauzinhos), e dá nome ao seu desenho, por fim a Garatuja Diagramada; difícil ser encontrada, geralmente as linhas se unem em forma de mosaico, remete-se a figuras abstratas.
Após o estágio das garatujas, surge o pré-esquemático, que se inicia aos quatro anos e dura até aos sete anos de idade. Segundo os autores Viktor Lowenfeld e Brittain, a criança neste estágio:

(...) faz representação típica de um homem apenas com a cabeça e pés e começa desenhando uma quantidade de outros objetos do seu meio, com os quais teve contato. Essas figuras ou estes objetos aparecem colocados e um tanto desordenados no papel e podem variar consideravelmente de tamanho (1977, p. 54)

Analisando as considerações dos autores, podemos dizer que neste período a criança começa representar o ambiente a sua volta, seu desenho vai se modificando e adquirindo novas formas, as pessoas que são significativas para ela vão aparecendo, ainda que de modo desordenado no papel. E quanto maior for à interação da criança e mais estímulos do ambiente a mesma receber, mais ricas serão suas produções gráficas.

No terceiro estágio esquemático, começa com sete anos e estende-se aos nove anos. Durante esta fase a criança se utiliza de diferentes formas para desenhar uma figura, elabora o desenho com maior riqueza nos detalhes, a figura humana recebe todas as suas formas como: boca, nariz, pernas, braços, cabeça (LOWENFELD; BRITTAIN, 1977).

Por fim o quarto estágio realismo, entre nove á doze anos. A criança tem a preocupação de fazer um desenho mais detalhado e fiel ao que vê. Assim passa a se interessar por pequenos detalhes colocando os objetos que desenha em filas ordenadas no papel. Nesta fase a criança tem uma maior consciência em relação ao que está a sua volta e interpreta o mundo ao seu modo.
Podemos observar que no decorrer de cada estágio do desenho infantil, a criança evolui graficamente, pois quando se apropria desse sistema de representação gráfica, adquire maior capacidade de representar o que sente, pensa e o que quer comunicar, garantindo assim um desenvolvimento cognitivo e social.

Alguns autores acreditam que com o desenvolvimento dos estágios do desenho na criança, ocorre também paralelamente o desenvolvimento da escrita, sendo possível estabelecer relações, pois "(...) desenho e escrita tem origem gráfica comum. Só depois a criança diferencia as marcas gráficas figurativas das não figurativas, constituindo o desenho e a escrita como objetos substitutos" (PILLAR, 2002, p. 27).

Com base na autora, podemos entender que para criança o desenho e a escrita se interagem, mesmo sendo duas linguagens distintas, e muitas vezes se complementam cada uma em suas especificidades.

PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

A escrita é considerada uma importante linguagem para a evolução da humanidade, pois a partir do seu crescente desenvolvimento, tornou-se um instrumento social a ser ensinado. Fazemos parte de uma sociedade onde a cultura da escrita é predominante, e cumpre diferentes funções no nosso dia-a-dia, sua forma de se apresentar cotidianamente é diversa, seja pelos documentos que precisamos utilizar como: carteira de identidade, vale transporte, cartões de crédito, dinheiro, ou por meio de informações tais como: letreiro de ônibus, rótulos de produtos, avisos, bula de remédio, manual de instrução, jornais, revistas, placas de sinalização, entre outros. Tudo isso é parte da nossa sociedade letrada.

Sabendo que a aprendizagem escrita tem sua funcionalidade, dentro e fora do ambiente escolar, diversos autores realizam pesquisas, estudos e investigações para compreender melhor o processo de alfabetização, dentre eles destacamos Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que promovem discussões sobre a aquisição da língua escrita, levando em consideração a subjetividade da criança, a forma com que a mesma reflete sobre a escrita e reconstrói o código linguístico. Seus estudos trouxeram contribuições teóricas significativas para o processo de alfabetização.

No livro "A Psicogênese da Língua Escrita", embasado nos resultados de pesquisas e estudos referentes à exploração da escrita, as autoras descreve os níveis e as principais características das hipóteses sobre a linguagem escrita traçadas pelas crianças, sendo eles: présilábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

No primeiro nível pré-silábico, "escrever é reproduzir traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 193). A criança não estabelece vínculo entre a fala e a escrita, para representar as palavras se utiliza de suas garatujas. Nesta fase a criança não tem estabilidade na escrita, e só ela é capaz de falar o que escreveu e naquele momento. Pode ocorrer o uso de números misturados às letras e símbolos. A criança supõe que a escrita dos nomes seja proporcional ao tamanho, exemplo: nomes grandes são iguais coisas grandes, coisas pequenas são iguais nomes pequenos.

O nível silábico caracteriza a escrita com uma letra para cada sílaba pronunciada da palavra. A criança entende que escreve aquilo que fala, e busca corresponder à parte sonora da parte escrita. Há uma evolução na escrita da criança neste nível e segundo Emília Ferreiro "a hipótese silábica é da maior importância por duas razões: permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas, e centra a atenção da criança nas variações sonoras entre as palavras" (FERREIRO, 1985c, p. 25 Apud PILLAR, 2012, p. 81).

Nesta fase a escrita da criança passa pela transição do silábico sem valor sonoro para silábico com valor sonoro, a quantidade de letras utilizadas pela criança agora será associada aos sons da fala, cada emissão sonora será representada por uma letra.

Terceiro nível silábico alfabético é possível constatar um grande avanço da criança na construção da escrita. Reconhecem as letras, as formas, os nomes das letras e compreende que a sílaba é composta por uma, duas, ou mais letras. Está fase também é bastante conflitante para a criança, pois não domina totalmente a segmentação das palavras nas frases, tem dificuldades com as sílabas complexas. "Uma grafia para cada sílaba não é suficiente para representar as palavras, pois, escrevendo silabicamente os outros não conseguem ler o que foi escrito" (PILLAR, 2012, p. 83). Ao analisarmos as palavras da autora, podemos perceber que a criança faz a sua reflexão sobre a sua escrita, que corresponde a um desenvolvimento positivo no seu processo de alfabetização.

Por fim o nível alfabético, ao chegar neste período à criança consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala, compreende a organização dos códigos, conhece sílabas simples e complexas, escreve com muitos erros ortográficos, principalmente na transcrição de fala. Para as autoras, "a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas, no sentido estrito" (FERREI-

RO; TEBEROSKY, 1999, p. 219). Pois a criança, já tem um domínio sobre a complexidade do processo de alfabetização.

As intervenções e mediações do professor serão de total importância para a consolidação do processo de alfabetização. Tendo em vista que a criança percorreu um longo caminho de acertos e de erros, de grandes conflitos que formam um papel decisivo no seu processo de aquisição da língua escrita. Vale ressaltar que é extremamente necessário considerar os saberes que as crianças trazem consigo, além de sua individualidade e seu ritmo, devendo estes fatores serem respeitados durante sua permanência no ambiente escolar.

O DESENHO E A ESCRITA

Anteriormente vimos às teorias sobre o processo de desenvolvimento do desenho infantil e de igual modo o processo de aquisição da língua escrita, ambos em suas especificidades, nos possibilitou compreender como de fato o indivíduo se apropria e se desenvolve cognitivamente nessas diferentes linguagens.

A criança ao longo do processo escolar, precisa ser considerada em sua subjetividade, pois está dotada de informações e experiências que não devem ser ignoradas, mas ser um ponto de partida significante, para que a partir daí a criança construa seu conhecimento nas diversas aprendizagens. Os professores precisam refletir sobre as suas práticas em sala de aula, trabalhar conteúdos de forma interdisciplinar e de maneira contextualizada. Quando não é trabalhado o real e o concreto com os alunos, o ensino-aprendizagem fica prejudicado e os alunos apresentam maiores dificuldades.

As práticas da sala de aula tendem na maioria das vezes inibir a capacidade de criação dos alunos, devido sua estrutura circular, a inserção da criança no sistema de escrita, tem deixando de lado a valorização de outras diferentes linguagens que possibilitam o desenvolvimento dos indivíduos. Portanto é necessário que a escola juntamente com seus educadores, organize novas propostas, articule a interação das diversas linguagens, para assim garantir a aprendizagem e oportunizar o desenvolvimento das crianças no processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar a contribuição do desenho infantil na aquisição da língua escrita no processo de alfabetização da criança. Entendemos que as diferentes formas de expressão da criança possibilitam o seu desenvolvimento e facilita suas aprendizagens.

Tratamos em especial do desenho infantil, de modo que não dever ser considerado apenas como modalidade de expressão ou representação da realidade, mas também como resultado de uma leitura do que a criança pensa, vê e sente. O desenho da criança não pode ser considerado desprovido de significações, pois são formas de representação simbólica pela qual a mesma manifesta sua visão de mundo de acordo com a fase ou idade a qual se encontra, dotada de um determinado nível de desenvolvimento.

Podemos observar ao longo deste estudo que o desenho antecede a aprendizagem da escrita convencional, implica, portanto, nas mudanças significativas que acontecem gradativamente na passagem dos primeiros rabiscos para representações cada vez mais ordenadas. Verificamos a complexidade que a criança encontra para se apropriar do sistema de escrita, logo entendemos a importância de possibilitar no processo de alfabetização a interação entre desenho e escrita. Mesmo sabendo que o desenho e a escrita representam grafias diferentes, a criança quando escreve, também faz seu desenho para garantir o significado do que escreveu. Pois em sua concepção sabe que ainda não tem o domínio da linguagem gráfica da escrita, e no desenho ela encontra segurança, sabe que pode expressar o que pensa e todos compreenderam.

Acredito, portanto, que é fundamental que durante este processo de desenvolvimento, a escola tenha consciência, que o ato de desenhar é fruto de criação, de uma criação subjetiva, não cabendo, reprimir, comparar, impor é preciso permitir a liberdade de expressão e a manifestação de cada criança. O cultivo do desenho é importante para que a mesma exerça sua autonomia diante das suas criações, ao fazerem seus trabalhos ar-

tísticos, embora influenciada pela cultura do meio em que vive a criança reflete sua arte, cabendo aos profissionais da educação atuar como mediadores para que os educandos sejam protagonistas no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana Angélica. O espaço do desenho: A educação do educador. 16ª Ed. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Nacional Curricular para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1999.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione: 1993.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Editora: Artmed, 1999.

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: Sala de aula formação de professores. Porto Alegre: Editora: Artmed, 2003.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo, Editora: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. O desenho infantil. Barcelos: Cia Editora do Minho, 1969. MÈRIDIEU, Florence. O desenho infantil. 11ª Ed. São Paulo: Editora: Cultrix, 2006.

PILLAR, Analice Dutra. Desenho e escrita como sistema de representação. 2ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

SIMAS, Daiana Leão. Riscos e rabiscos: A contribuição do desenho infantil para a alfabetização. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

ZATZ. Lia. Aventura da escrita: história do desenho que virou letra. 2ª Ed. São Paulo: Editora: Moderna, 2002.